

# **O RIDÍCULO E O SAGRADO DO CAZUMBA: UMA PERFORMANCE DO AVESSO**

***JULIANA BITTENCOURT MANHÃES***

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO / UNI-RIO

Demonstração Prática

Palavras-chave: Gestualidade Sagrado Riso

O bumba-meu-boi no Maranhão é a maior manifestação popular do Estado, envolvendo milhares de pessoas o ano todo que trabalham e brincam em louvor a São João, tendo como princípio fundamental o ciclo festivo, que vai da aleluia à morte.

O cazumba é um personagem dos bois da região da baixada, território com campos baixos, que alagam na estação das chuvas, as cidades vivem metade do ano rodeada de campos que depois viram lagoas. São bois com um ritmo cadenciado, a presença do badalo<sup>1</sup>, pandeirões menores ou caixas, enormes chapéus bordados com penas de ema e a presença do cazumba.

É uma figura mascarada, sua indumentária é chamada de bata ou farda, um vestidão cheio de bordados e coloridos com um cofo<sup>2</sup> de palha usado na cintura, trazendo uma figura grotesca, com uma bunda enorme que balança. Na mão segura um badalo, tipo sino de boi, avisando que o bando de cazumbas estão chegando.

Mestre Abel Teixeira, artesão, cazumba e mentor, que me incluiu na roda do boi como brincante<sup>3</sup> de cazumba, diz que “a careta parece com um bicho, tem feições tortas, não é para ser certinha, porque é feito na risca do olho”. É uma máscara com expressão animalesca, que assusta, incomoda e ao mesmo tempo traz o riso, dizem que pode ser homem, mulher ou bicho, que vive no reino do entre, é chamado também de espírito da floresta, carregado de mistérios e simbolismos, tem a função de iniciar a brincadeira, abrindo a roda e brincando com a platéia; quando todos os brincantes formaram a roda da brincadeira, os cazumbas preenchem o miolo da roda junto com o vaqueiro, a onça, a burrinha e o boi, trazendo uma performance com liberdade de gestual e movimentação, se comunicando com o público, interagindo com qualquer personagem da brincadeira.

O entendimento do cazumba é híbrido, cheio de dualidades, portanto induz a algumas suposições e questionamentos a seu respeito, partindo de sua movimentação e relação dentro da roda do boi e atuando nos rituais de batismo e morte.

---

1

2

3

O cazumba é um mascarado, oculta sua verdadeira identidade, comete ações que são proibidas por outros personagens, viola algumas regras, ele é considerado um transgressor, mas como ele é compreendido neste lugar do esquisito, do estranho e transita entre o religioso e o profano, ele é aceito e respeitado, ocupa o lugar do ridículo e da comicidade, sua função é fazer graça e trazer o riso. O cazumba é uma figura liberta e desmedida, seu limite transborda e segundo afirma Bataille “O limite nos é dado senão para ser excedido.”(BATAILLE, 1987:135).

Que lugar é este que ele ocupa, permitindo preencher duas funções ao mesmo tempo? Ser ridículo e sagrado, sentir medo, atração e fascinação. Tudo junto?! É sobre este confronto que pretendo me debruçar, acreditando que a dualidade é ambígua e tem uma lógica que não é a tradicional. A tradição é concebida através da construção de um conjunto de valores da sociedade, nas festas a tradição é a garantia da consciência histórica e da continuidade, a festa e a brincadeira são lugares que modificam a realidade das coisas, por pertencer ao tempo do sagrado.

A máscara é um objeto que oculta a face e por isso foi perseguida pela igreja por muitos tempos, comparada a rituais diabólicos e recriminada pela sociedade. Desde então a máscara é questionada como um lugar de poder, que se encontra nesse diálogo entre o homem e seus deuses ancestrais, a máscara confere autoridade, autentica e legitima o ato ritualizado. O ato estético e simbólico de se mascarar, disfarçando o eu convencional e desnudando o gestual corporal, traz um estado de predisposição e entrega ao brincante para o personagem que ele vai ser, imbuído de muitos fundamentos e mistérios. “A máscara contém uma síntese de bases históricas, política e religiosa.”(LODY, 1999:11).

A máscara do cazumba tem um estilo bem diverso, cada brincante faz a sua invenção, o cazumba e artesão Zimar, da Turma de João de Pixilau no município de Matinha, baixada maranhense, se apropria do seu jeito de fazer sua careta e mostra que mesmo a careta sendo feia precisa estar arrumada, é necessário ter um cuidado, ter condição, e para a brincadeira rolar solta é necessário ser espontâneo: - “A primeira careta que fiz foi aquela que tem um narigão, depois eu fiz essa que tem cicatriz. Eu vou fazer essa bicha com o queixo torto. Vamos dizer, pegou um talho, os pontos, e fiz a cicatriz. Vou botar um tumor, pra dizer que é um tumor. Pra uma careta ser boa ela tem que ser feia. Pra mim a boa é assim. Pra brincar cazumba tem que ter a condição de se arrumar.” (MAZILLO, 2005:119).

O feio também tem uma condição para ser bom, necessita de uma arrumação para se legitimar no lugar da feiúra, que tem haver com a diferença, está ligado a experiência sensorial mais selvagem, crua, rude, incontrollável e assustadora, já a beleza seria uma experiência sensorial afetiva que a gente consegue filtrar e no feio é difícil digerir. Não é que o cazumba seja feio, mas ele ocupa uma posição que traz sensações mais de horror que de prazer para quem vê, ele amedronta

pela sua careta e faz rir por ter um corpo engraçado e atitudes diferentes, mas é este espanto que se espera dele.

Outro questionamento importante é sobre a relação do cazumba com o reino do entre, permitindo um sentido abstrato, que apesar de ser julgado como inferior, é sustentado pelo valor simbólico, fica-se no precário da incerteza, tem mais liberdade e traz a questão da escolha, não tem um modelo, ocupa um lugar de reinventar.

A nobreza do cazumba está na possibilidade em despertar diferentes sensações, mesmo sendo estranho provoca alegria, esta capacidade de rir nos aproxima dos deuses, mas como a sua comunicação é no gestual, seu entendimento é cercado de simbolismos, nos recolocando diante da nossa mais pura essência animal. O cazumba tem histórias de atrapalhar até a reza na hora do batismo do boi, mas por ser uma figura cômica, seus atos são admitidos; ora transgredir com suas brincadeiras e ora se torna objeto sagrado; consegue se comunicar no reino do entre, ou seja da permissão dos excessos, entre o tempo sagrado e o tempo profano.

É profano porque faz parte de um cotidiano, o boi funciona na vida das pessoas envolvidas como um ciclo de vida, o ciclo do boi se entranha nessa vida e na maneira de se organizarem, isto permite pensar que o tempo profano é o que está fora dos momentos de ritual, mas que pode estar associado e imbuído dele, como nos momentos que a festa ainda não começou de fato, mas que já existe um enorme engajamento coletivo com a criação de novas toadas, o aperfeiçoamento das coreografias e a organização diária dos brincantes festeiros.

O tempo sagrado se faz presente nos momentos de festas e rituais, focado na crença da brincadeira ao Santo e fundamentado no compromisso que dá continuidade à manifestação. “A sociedade humana não é somente o mundo do trabalho, ela é composta pelo mundo profano e pelo mundo sagrado, que são as duas formas complementares. O mundo sagrado é o mundo da festa, dos soberanos e dos deuses. A festa é por excelência o tempo sagrado!” (BATAILLE,1987:63).

Alguns brincantes dizem que o cazumba no ritual de morte atrapalha o vaqueiro na hora de laçar o boi, outros dizem que o cazumba é o responsável pela matança do boi, ou seja facilita o vaqueiro a laçar o boi e prender no mourão. Uma informação poderia anular a outra, mas se tratando de cazumba é a soma dessas histórias orais que autenticam sua personalidade; o que importa são estes equívocos do que de fato ele é. Estes sentidos são o alimento para o brincante cazumba se imbuir de liberdade na execução de sua gestualidade, sua movimentação acontece no formato de um cordão ou fila com um bando de cazumbas, que não precisam estar enfileirados de forma harmônica, vão remexendo em um movimento de zigue e zague, um brincando de passar o outro, ora sendo surpreendido pelo boi querendo dar uma chifrada, ou pelo vaqueiro perseguindo como se quisesse dar uma laçada, o cazumba vive neste movimento dentro da roda, dialogando com

um corpo e uma careta que provoca o riso e fascina com seu jeito de ser. Além desse momento da roda da brincadeira, o cazumba é encarregado junto com pai francisco, de criar e improvisar os diálogos e toadas que vão ser cantadas, indicando que o boi vai ser preso até a sua morte simbólica, efetivada na distribuição de vinho simbolizando o sangue do boi. Morre um boi de verdade, que serve de alimento para a comunidade participar da festa, e morre o boi simbólico bordado, o boi de brincar para São João. Nos rituais de morte, o cazumba tem responsabilidades na representação, cantando e dando direção a história, e na maneira como executa sua performance enrolada e espalhafatosa.

O cazumba traz elementos estéticos e funções que se afinam com a ética de brincadeira exercida pela figura do palhaço, através do seu revés. “O palhaço é um transgressor, um excêntrico; está fora dos eixos, das regras, da lógica, do bom senso, do bom gosto e das boas maneiras. Um palhaço é um ser estranho que bota a mão no fogo, que põe a cabeça na guilhotina e se expõe nu em sua tolice e estupidez. O palhaço é diferente do comediante. Ele não conta uma história engraçada. Ele é a graça, ele é o risível.”(CASTRO, 2005:257).

O cazumba assim como os palhaços são fundamentais para manter o equilíbrio da brincadeira, pois conseguindo trazer a pureza de mostrar o seu próprio ridículo e mantendo uma performance viva com sua gestualidade cômica, traz a alegria e o prazer da vida e engrandece o gosto de poder dar uma boa gargalhada sem exigir um entendimento lógico.

O ridículo e o feio no cazumba simbolizam a possibilidade de conviver com uma realidade do avesso e dentro deste lugar é permitido transgredir, é a partir desta mudança de perspectiva que sobrevive os seres que estão no reino do entre.